

A formação da “mãe de família” para o trabalho: ações de iniciação profissional feminina no Lar Infantil Icléa (Federação Espírita do Paraná), Curitiba nos anos 1950

Training housewives for work: Female professional training at the Icléa Children’s Home (Paraná Spiritist Federation), Curitiba in the 1950s

Silvete Aparecida Crippa de Araújo¹
Faculdade Doutor Leocádio José Correia
silvetecrippa@gmail.com

Liane Maria Bertucci²
Universidade Federal do Paraná
lianebertucci@gmail.com

Resumo: Este artigo discute duas ações relacionadas à educação da mulher para o trabalho que aconteceram em Curitiba no Lar Infantil Icléa, da Federação Espírita do Paraná, entre 1954 e 1958: as aulas avulsas de artesanato e prendas domésticas e os cursos do Centro de Iniciação Profissional Lar Icléa. O Centro, que ofertou aulas de corte e costura, bordado, crochê, tricô, manicure-pedicure e artes culinárias e caseiras, não foi uma iniciativa autônoma da Federação, entretanto seus cursos revelavam sintonia com as ideias dos espíritas da FEP ao reforçar competências consideradas femininas, formando mulheres para que, mesmo atuando fora do lar, se ocupassem de funções idealizadas à “mãe de família”. Este artigo foi escrito a partir da análise de relatos memorialísticos da Federação Espírita do Paraná e dos jornais *Mundo Espírita*, *Diário da Tarde* e *O Dia*. Estudos de

¹ Faculdade Doutor Leocádio José Correia. Rua José Antônio Leprevost, 331, Santa Cândida – PR, Brasil.

² Universidade Federal do Paraná. Rua General Carneiro, 460, Centro – PR, Brasil.

Michelle Perrot embasam a abordagem do artigo e também as reflexões motivadas por textos sobre o espiritismo e sobre a mulher nos séculos XIX e XX.

Palavras-chave: educação feminina, Centro de Iniciação Profissional, Federação Espírita do Paraná.

Abstract: This article discusses two actions related to women’s education for work in Curitiba at the Icléa Children’s Home of the Paraná Spiritist Federation, between 1954 and 1958: the artisanship classes and domestic skills and the courses of the Center of Professional Initiation Lar Icléa. The Center, which offered classes in cutting and sewing, embroidery, crocheting, knitting, manicure-pedicure and culinary and home-made arts, was not an autonomous initiative of the Federation. However, its courses were in harmony with the ideas of the Federation spiritists, by reinforcing women’s skills, forming women so that, even if they worked outside the home, they would take on idealized functions for the housewives. This article was written from the analysis of memorialistic reports of the Spiritist Federation of Paraná and of the newspapers *Mundo Espírita*, *Diário da Tarde* and *O Dia*. Studies by Michelle Perrot served as a basis for the article’s approach, together with reflections on texts on spiritism and women in the nineteenth and twentieth centuries.

Keywords: female education, Center of Professional Initiation, Paraná Spiritist Federation.

Introdução

Na virada para os anos 1950, período Pós-Segunda Guerra Mundial, quando o comércio internacional se reordenava e demandava mais produção, a população de Curitiba, capital do Paraná, sofreu os reflexos do aumento das atividades comerciais e fabris, o que resultou na expansão do mercado de trabalho local com a concomitante exigência de formação mais especializada dos trabalhadores, inclusive das mulheres (Boschilia, 1996; Oliveira, 2000).

Como escreveu Hobsbawm (1995, p. 51), nas primeiras décadas do século XX aconteceu no Ocidente uma “revolução no emprego de mulheres fora do lar”, com a diversificação da atuação profissional de jovens e senhoras, notadamente em países pressionados pelas necessidades das guerras de 1914-1918 e de 1939-1945, durante as quais a mão de obra feminina substituiu a masculina em muitas atividades. O fim de cada um desses conflitos, com o retorno dos soldados para suas casas, foi acompanhado por campanhas para que

as mulheres voltassem a exercer de forma integral as ações de esposa, mãe e dona de casa. Muitas não voltaram e, por opção, necessidade pessoal ou demanda familiar, continuaram suas atividades profissionais pelo menos em tempo parcial.

Assim, acompanhando as mudanças socioeconômicas propelidas pelas máquinas e pelas grandes concentrações urbanas, as possibilidades de trabalho para as mulheres cresceram. Mas esse crescimento – em países europeus, nos Estados Unidos e também no Brasil – aconteceu principalmente em ocupações abandonadas pelos homens, porque pouco lucrativas (Lagrange, 1993; Pinsky, 2014). Talvez a mais emblemática dessas ocupações tenha sido o magistério primário.

A percepção do magistério primário como vocação feminina foi construída pouco a pouco no século XIX, período no qual, segundo Perrot (2005a, p. 171), a racionalidade levou a divisão sexual do trabalho “aos mais extremos limites”. Associado à função primordial da mulher de educar e cuidar dos filhos, a atuação na escola primária possibilitaria inclusive uma compensação às mulheres que não fossem mães (Almeida, 2011). No entanto, supostas características femininas, como a paciência e a atenção com os detalhes, também concorreriam para o crescente emprego de mulheres em outras atividades, tais como as do ramo têxtil e, notadamente no século XX, aquelas vinculadas aos escritórios comerciais e atendimento ao público – em geral, com cargos e salários inferiores aos dos colegas homens.

Em vários países europeus, a partir do século XIX a perspectiva de uma “feminização ponderada” de alguns setores produtivos, fez do trabalho de escritório o protótipo da chamada “profissão feminina”: uma “construção social [...], uma armadilha da diferença, inocentada pela natureza” (Perrot, 2005b, p. 258). Esse movimento foi acompanhado pela paulatina diversificação da formação escolar das mulheres, do ensino médio ao superior, e também pelas lutas das trabalhadoras por melhor remuneração salarial e por ascensão profissional (Lagrange, 1995; Mayeur, 1993; Perrot, 2007).

No Brasil, assustando os que enxergavam as alterações do cotidiano como um perigo para a moral feminina e para o bem-estar da família, a presença da mulher no mundo do trabalho na primeira metade do século XX motivou diferentes considerações – dos médicos aos militantes operários – e pautou ações de autoridades educacionais e de membros de grupos religiosos, preocupados com a formação dessas trabalhadoras que primordialmente deveriam ser mães de família (Bertucci, 2015; Cintra, 2005; Rago, 2001). Entre esses grupos estava o dos espíritas ou kardecistas³.

³ Neste artigo, espírita, espiritismo, kardecista e kardecismo referem-se à doutrina de Allan Kardec, nome adotado por Hippolyte Léon Denizard Rivail. Sobre o kardecismo, entre outros, veja: Aubrée e Laplantine (2009).

Doutrina que surgiu na França em meados do século XIX, o espiritismo de Allan Kardec foi elaborado com princípios religiosos cristãos⁴ que se entrelaçavam às tendências filosóficas e científico-racionais dos Oitocentos (Damazio, 1994; Lewgoy, 2006; Stoll, 2004). Assim, com base no tripé ciência, filosofia e religião, o kardecismo advogava que a evolução do espírito humano, criado por Deus, apenas aconteceria através do trabalho, para si e para o outro (Kardec, 2002). Conforme Isaia (2004, p. 105), para Kardec, “[...] o progresso humano só tinha razão de ser, [só] era compreendido em função do trabalho”. Entretanto, como está escrito no *O livro dos espíritos*, Questão 822: “Ocupe-se do exterior o homem e do interior a mulher, cada um de acordo com sua aptidão” (Kardec, 2002, p. 381). Nessa perspectiva, ao escrever sobre o “progresso moral da humanidade” como objetivo do espiritismo, Kardec mencionou a “mãe de família”:

Um dia compreenderão que este ramo da educação [educação moral - espírita] tem seus princípios, suas regras, como a educação intelectual, numa palavra, que é uma verdadeira ciência; talvez um dia, também, haverão de impor a toda mãe de família a obrigação de possuir esses conhecimentos [...] (*Revue Spirite*, 1864).

No Paraná, há indicações de que a difusão da doutrina espírita teve início por volta de 1870, através de comerciantes de Curitiba que tiveram contato com a obra de Allan Kardec durante estadas no Rio de Janeiro. Na virada para o século XX, já existiam na capital paranaense pelo menos quatro grupos que se autodenominavam kardecistas e na cidade circulavam o jornal *A Luz*, do Centro Espírita de Curitiba, e a *Revista Spirita*, cujos redatores se proclamavam “espíritas esforçados desta capital” (Araújo, 2017, p. 43-44). Nesse período, foi organizada a Federação Espírita do Paraná (FEP), para reunir os adeptos do kardecismo e difundir o espiritismo.

Este artigo aborda duas ações relacionadas à educação da mulher para o trabalho que estiveram intimamente relacionadas ao Lar Infantil Icléa da FEP: as aulas avulsas de artesanato e prendas domésticas que, a partir de 1954, ocorreram nas dependências do Lar de maneira paralela ao curso primário, que já existia na instituição; e, no ano seguinte, os cursos do Centro de Iniciação Profissional Lar Icléa, criado na

⁴ No Brasil, o Código Penal de 11 de outubro de 1890, Capítulo III, artigo 157, associava o espiritismo (indistintamente) a atividades místicas, charlatanismo e afins, considerando-a, dessa forma, como atividade passível de punição. A fim de exercerem livremente sua crença, os membros da Federação Espírita Brasileira invocaram o Capítulo III – artigos 185, 186 e 187 – desse código, que previa o livre exercício dos cultos, e passaram a denominar no Brasil a doutrina espírita como religião (Arribas, 2010).

Federação pelo governo do Paraná, a partir de diretriz educacional federal. O Centro funcionou pelo menos até 1958, traduzindo o ideal de profissionalização da mulher, entretanto os cursos que ofertou em caráter de “iniciação” reforçavam competências consideradas femininas, concorrendo, assim como as aulas avulsas, para a formação de mulheres que, mesmo atuando fora do lar, realizassem atividades idealizadas à boa esposa, mãe e dona de casa.

Para realizarmos nossas reflexões, utilizamos, de forma privilegiada, além dos relatos sobre a Federação escritos por memorialistas, o jornal *Mundo Espírita* – que, a partir da década de 1950, foi editado em Curitiba como órgão da FEP – e os jornais curitibanos não espíritas *Diário da Tarde* e *O Dia*, de significativa circulação no período.

Atividades educativas de iniciação para o trabalho nos primeiros anos do Lar Infantil Icléa

Nos primeiros anos dos Novecentos, os debates e iniciativas para a criação no Paraná de uma entidade que congregasse, legitimasse e estabelecesse diretivas para os kardecistas resultaram na fundação, no dia 24 de agosto de 1902, da Federação Espírita do Paraná (FEP), entidade filiada à Federação Espírita Brasileira (criada em 1884).

Desde os primeiros anos de sua existência, a FEP contou com a participação de mulheres, várias delas médiuns, ou seja, intermediárias entre os espíritos e o ser humano. Mas, ecoando as palavras grafadas na Questão 822 do *O livro dos espíritos* (Kardec, 2002), a cisão entre atividade masculina e feminina determinava que às mulheres fossem delegadas ações sociais relacionadas ao amparo e cuidado dos necessitados e à educação escolar primária – “[...] para espíritas kardecistas, alfabetizar as pessoas das classes menos favorecidas era uma ação de caridade” (Araújo, 2017, p. 141)⁵.

⁵ Foram poucas as mulheres que, na primeira metade do século XX, ocuparam cargos diretivos na Federação. Talvez o caso mais emblemático e excepcional tenha sido o de Elvira Marquesini, diretora do Albergue Noturno da FEP, criado em 1915 para abrigar “desamparados”. Marquesini dirigiu esse órgão da Federação a partir de 1934, por cerca de 40 anos; certamente tinha méritos próprios, mas ter auxiliado o pai na direção do Albergue até seu falecimento deve ter sido decisivo para que Elvira assumisse o cargo vago (Araújo, 2017).

Mas em 1950, quando o município de Curitiba contava com 180.575 habitantes (IBGE, 2010)⁶, as demandas por mão de obra feminina cresciam. Considerando a “ocupação principal” de mulheres maiores de 10 anos, a partir dos censos de 1940 (eram 54.866) e de 1950 (eram 73.097), os dados organizados por Boschilia (1996, p. 164) indicam que no município as “atividades domésticas e escolares” empregavam mais de 70% das jovens e senhoras. Entretanto, em uma década essa porcentagem sinalizou declínio: de 78% em 1940 (43.054) caiu para 74% em 1950 (54.442). Paralelamente aumentou o número de mulheres em algumas outras atividades, entre elas: “indústria de transformação”, de 1.301 (0,04) para 3.057 (4,20); “comércio mercantil”, de 638 (1,20) para 1.381 (1,90), e “serviços e atividades sociais”, de 2.672 (4,80) para 9.495 (12,90). No setor industrial, o maior contingente de operárias estava nas fábricas de produtos alimentícios Leão Júnior, Todeschini, Glória, Moinho Paranaense, Fontana e Fábrica de Chocolates Basgal, bem como na fábrica do ramo têxtil Venske (Boschilia, 1996).

Dessa forma, na Curitiba dos anos 1940-1950, apesar de o magistério primário ainda continuar como a primeira opção feminina de formação escolar para o exercício de uma atividade fora de casa e de os ateliês de costura, hotéis e lojas de aviamentos permanecerem como significativos empregadores de mão de obra feminina (Trindade, 1996), o crescente número de fábricas e, principalmente, a expansão do comércio e de atividades afins ampliavam a demanda por trabalhadoras. Como escreveu Cintra (2005, p. 246) “os espaços públicos se tornaram possibilidades de ação da jovem mulher no cenário do trabalho e de sua própria profissionalização”.

Foi nesse contexto de mudanças e também de preocupação com a moral feminina e o futuro da família que, no dia 24 de abril de 1949, o Lar Infantil Icléa⁷ foi inaugurado em Curitiba sob a responsabilidade da Associação Protetora do Recém-Nascido, entidade criada na FEP em 1939. O Lar Infantil Icléa também contava com apoio financeiro dos governos municipal e estadual e era “destinado a amparar meninas desamparadas” (*Mundo Espírita*, 1949).

Kuhlmann Jr. (2004) alerta que as entidades assistencialistas no Brasil da primeira metade do século XX tinham como função primordial disciplinar para o trabalho. Nesse contexto, a criação do Lar Infantil Icléa na FEP sinalizou uma opção por educar meninas pobres para que se tornassem jovens mulheres honradas e trabalhadoras, em casa e até fora dela.

⁶ Em 1902, ano de fundação da FEP, eram cerca de 50.000 moradores no município de Curitiba (IBGE, 2010).

⁷ Icléa foi uma menina, filha de pais espíritas, que nasceu no Rio de Janeiro em 1923 e morreu com 10 anos de idade. A médium Marília Carneiro – que assinava M.C. – passou a receber suas mensagens, todas educativas e dirigidas às crianças, que foram publicadas no *Mundo Espírita* por vários anos a partir de 1939.

O Lar Infantil Icléa foi instalado em um prédio de dois andares, ao lado da sede da Federação, na rua Saldanha Marinho, n. 570 (Figura 1). Tinha capacidade para abrigar 25 meninas. Em janeiro de 1951, depois de quase dois anos de funcionamento, o Lar atendia, segundo o jornal *Diário da Tarde*, a “[...] 24 crianças, sendo que a maioria se trata[va] de pequenas de 12 anos para baixo, predominando aquelas de 4 a 8 anos”.

Figura 1 – Prédio Lar Infantil Icléa



Fonte: *Memória da Federação Espírita do Paraná* (2002, p. 19).

Existem indicativos sobre o funcionamento do curso primário no Lar Infantil Icléa (*O Dia*, 1954), mas não foram encontradas informações detalhadas. Entretanto, é possível que na instituição fosse instalada uma modalidade primária abreviada, de três anos, comum em áreas rurais brasileiras e adotada por algumas instituições asilares curitibanas pelo menos até o início dos anos 1940 (Silva, 2010; Souza, 2008).

A educação primária era prevista para pessoas de 7 a 12 anos (Brasil, 1946), o que concorreria para delimitar a idade máxima de permanência no Lar Infantil Icléa – instituição que traduzia no nome, “infantil”, o grupo que deveria ser atendido preferencialmente: crianças. Uma delimitação reforçada pelo Decreto n. 1.439, de 18 de junho de 1932, do governo paranaense, que determinava a fiscalização pela Diretoria de Instrução Pública de abrigos de menores e instituições similares, associando, mesmo indiretamente, a idade dos asilados com a oferta de escolarização (Paraná, 1932).

Algumas internas, porém, permaneceram no Lar Infantil Icléa além dos 12 anos – segundo o mencionado artigo do *Diário da Tarde* (1951), “a maioria” das asiladas (não todas) contava 12 anos ou menos. Em 1955, artigo do *Mundo Espírita* afirmava que no Lar eram ofertadas aulas “de habilitação para o ginásio” às jovens asiladas (*Mundo Espírita*, 1955b) e, também pelas páginas desse mesmo periódico e do jornal *O Dia*, os leitores souberam que algumas internas estavam cursando o ginásio e o científico em escolas curitibanas (*Mundo Espírita*, 1955a; *O Dia*, 1955).

Essa permanência no Lar de jovens maiores de 12 anos poderia ser respaldada no Código de Menores em vigor (Brasil, 1927) e em determinações federais do Serviço de Assistência a Menores, instituído pelo Decreto-Lei n. 3.799, de 5 de novembro de 1941, que determinava, em seu artigo 2º, a atenção física e psíquica “de menores” até seu desligamento com idade máxima de 18 anos.

Entretanto, organizado prioritariamente para acolher crianças do sexo feminino, no Lar Infantil Icléa existia uma “sala de costura” que, segundo o *Diário da Tarde* (1951), estava “de acordo com o tamanho e idade das pequenas abrigadas”; um local que poderia ser utilizado pelas meninas para a realização de atividades relacionadas à disciplina Desenho e Trabalhos Manuais do Curso Primário Elementar, instituído pelo governo federal em 2 de janeiro de 1946 (Brasil, 1946)⁸.

É possível que essa sala de costura, apesar de suas adaptações para as meninas, também fosse utilizada pelas “damas da caridade” (repetidamente mencionadas nos jornais curitibanos), que colaboravam com o Lar e outras instituições assistenciais de Curitiba (Conceição, 2012). Em abril de 1952, o *Diário da Tarde* mencionou que, “[...] em sala próxima da creche e dos dormitórios do Lar [Infantil] Icléa, senhoras de nossa sociedade confeccionam enxovais para os recém-nascidos”. Não é exagero supor que essas senhoras com

⁸ O Curso Primário Elementar (4 anos) e o Curso Primário Completar (com mais 1 ano) formavam o Curso Primário Fundamental. Segundo o citado Decreto-Lei n. 8.529, as disciplinas do Curso Primário Elementar eram: I. Leitura e linguagem oral e escrita; II. Iniciação matemática; III. Geografia e História do Brasil; IV. Conhecimentos gerais aplicados à vida social, à educação para a saúde e ao trabalho; V. Desenho e trabalhos manuais; VI. Canto orfeônico; e VII. Educação Física (Brasil, 1946).

seus trabalhos voluntários ensinavam, mesmo que esporadicamente, bordado e costura às asiladas que as observavam. A creche mencionada no jornal é a Creche Adolfo Bezerra de Menezes da FEP, que foi anexada ao Lar em 1951 (Escola, 1990)⁹, o que certamente contribuiu para aumentar a demanda pelo trabalho voluntário das chamadas “damas da caridade”.

Mas, em 1954, as internas do Lar Infantil Icléa passaram a receber aulas avulsas ministradas por Maria Ruth Junqueira, professora que “dirigia uma Escola de Artesanato mantida pelo governo do estado” (Escola, 1990 p. 22). Segundo o jornal *O Dia* (1956b) daquela época, a espírita Maria Ruth teria dedicado várias “horas de lazer” às meninas abrigadas, ensinando artesanato e também “prendas domésticas”.

Em maio de 1955, meses depois do início das aulas avulsas, texto do jornal *Mundo Espírita* afirmava que, para o “bom êxito do Lar”,

[...] [concorrem] as professoras Francisca Ghignone e Olga Jorge no curso primário; a professora Maria Ellisa no Jardim de Infância [Creche]; a professora Maria da Luz Cordeiro no curso de música e canto; as professoras Paula Rieckes, Carmela Meneghini, Nancy Westefalen Correia, Alexandrina Pereti ministram aulas de trabalhos manuais. [...] Todas as crianças têm, ali, amparo e proteção. [Aprendem] trabalhos manuais, sabem bordar, confeccionar flores, cortar e costurar; cursam aulas de música e canto; conduzem-se com absoluta confiança no futuro (*Mundo Espírita*, 1955b).

Foi nesse cenário, no qual meninas e algumas jovens recebiam ensinamentos no Curso Primário e em atividades avulsas relacionadas a trabalhos manuais, que, em 1955, começou a funcionar um Centro de Iniciação Profissional no Lar Infantil Icléa.

⁹ A Creche Adolfo Bezerra de Menezes, antes denominada Jardim de Infância (anexo ao Albergue Noturno da FEP), contava com uma professora paga pelo estado para ensinar os pequenos e atendia a meninas, inclusive não asiladas, e meninos, pois sua implantação foi resultado de um convênio firmado em 1950 entre a Federação e o governo paranaense – 20 vagas eram reservadas para crianças encaminhadas pelo governo estadual (*Diário da Tarde*, 1952; Escola, 1990; Memória, 2002).

Centro de Iniciação Profissional Lar Icléa: projeto do governo federal em parceria com o governo do Paraná

Os Centros de Iniciação Profissional foram criados pelo governo federal em 1951 como parte da estrutura da Campanha de Educação de Adolescentes e Adultos (CEAA), inaugurada em 1947. A Campanha tinha o propósito de levar a “educação de base” a todos os brasileiros iletrados nas áreas urbanas e rurais e mobilizou recursos estruturais, financeiros, administrativos e pedagógicos de vários estados da federação (Costa, 2016; Paiva, 2003).

Esses Centros foram organizados no contexto educacional balizado pela Lei Orgânica do Ensino Industrial (1942) e pela Lei Orgânica do Ensino Comercial (1943), que reestruturaram e atrelaram o ensino técnico-profissional ao ensino médio. Em 1942, também foram criados o Serviço Nacional de Aprendizagem Industrial (Senai) e o Serviço Nacional de Aprendizagem Comercial (Senac), para a formação de “jovens aprendizes”, instituições que tinham como objetivos a rápida reciclagem profissional e os programas de aperfeiçoamento de trabalhadores para funções específicas (Cunha, 2005; Weinstein, 2000).

Inseridos em um programa criado para alfabetizar jovens e adultos, os Centros de Iniciação Profissional deveriam, como indicava o próprio nome, ofertar uma formação inicial para homens e mulheres que permitisse a inserção desses indivíduos no mundo do trabalho, a partir de ocupações que poderiam ser classificadas como “artesaniais” – da arte em couro à modelagem (*O Dia*, 1956a).

A solicitação da FEP para a instalação de um Centro de Iniciação Profissional na Federação foi em grande parte motivada pelo empenho de Maria de Lourdes Souto Pinto, diretora da Associação Protetora do Recém-Nascido e, portanto, responsável pelo Lar Infantil Icléa e pela Creche Adolfo Bezerra de Menezes (Escola, 1990), e também contou com a intervenção de Maria Ruth Junqueira junto ao governo paranaense. Professora atuante, com diversificado número de ações sociais, Maria Ruth mantinha importantes contatos políticos desde pelo menos sua candidatura, sem sucesso, a deputada federal em 1947 (*O Dia*, 1947)¹⁰.

O acordo entre a FEP e o governo do estado foi celebrado no segundo semestre de 1954, o que resultou na criação do Centro de Iniciação Profissional Lar Icléa (a palavra infantil foi excluída), que funcionaria nas dependências do Lar Infantil Icléa.

¹⁰ Entre outras atividades, Maria Ruth Junqueira foi inspetora municipal de ensino em Curitiba e membro da diretoria do Centro do Professorado Paranaense e do Centro Paranaense Feminino de Cultura.

O Centro começou suas atividades em 1955, ofertando cursos que poderiam ter como alunas algumas moradoras do Lar, ex-asiladas, mães de crianças atendidas pela Associação Protetora do Recém-Nascido e mulheres cujos filhos frequentavam a Creche Adolfo Bezerra de Menezes. Muitas das alunas certamente já trabalhavam fora de casa, e os cursos do Centro significavam uma formação melhor e, assim, a possibilidade de salários maiores.

Nesse período, existiam no Paraná quatro Centros de Iniciação Profissional sob o controle da Divisão de Ensino Supletivo do Estado e com auxílio financeiro governamental: um no Lar Infantil Icléa, da FEP; um na Paróquia Cristo Rei, no bairro Cristo Rei (Curitiba), e dois no Sanatório São Roque (Piraquara) (*O Dia*, 1956a). Segundo dados governamentais, em 1956 estudaram nesses Centros 529 discentes de ambos os sexos, jovens que contavam no mínimo com 14 anos (Paraná, 1957).

Conforme artigo publicado no jornal *O Dia* (1956a), os Centros de Iniciação Profissional:

[...] são constituídos, invariavelmente, de 4 cursos cada um, contando entre as [disciplinas] técnicas ministradas: artes em vime, arte em couro, alfaiataria, cerâmica, arte gráfica, encadernação, fundição, indústria de fibras, latoaria, decoração, modelagem, etc. Os professores que neles militam são especializados e, contudo, sejam pessoas devotadas, em sua maioria, a lida assistencial desinteressada, não deixam de perceber pró-labore, a que fazem jus. Por ocasião do encerramento das aulas desses cursos, são realizadas exposições de trabalhos executados pelos alunos, e vendidos os produtos, destinando-se 50% da renda obtida à aquisição de instrumentos que serão doados aos educadores [educandos?] que terminarem o curso com pleno proveito, e os 50% restantes à formação de um fundo de reserva para a aquisição de material a ser utilizado nos anos seguintes.

No Centro de Iniciação Profissional Lar Icléa, os cursos eram gratuitos e o local funcionava das 13h às 17h, as segundas e sextas-feiras. As aulas eram ministradas por professoras remuneradas pela Secretaria da Educação do Paraná (Escola, 1990). Em dezembro de 1955, o *Mundo Espírita* assim apresentou os cursos e suas respectivas professoras:

Artes Caseiras: Valtelina Schleder Vecchione; *Arte Culinária*: Beatriz da Motta Chautard; *Manicure-Pedicure*: Lília F. Carvalhães; *Croche-Tricot*: Aurora Laffite; *Corte-Costura*: Alexandrina Peretti, bem como a D. Maria de Lourdes Pinto, operosa diretora do referido Centro (*Mundo Espírita*, 1955c, grifos do original).

Este artigo do jornal também anunciava a formatura de 68 alunas da primeira turma do Centro, as quais expuseram seus trabalhos manuais na sede da Associação Protetora do Recém-Nascido, na Alameda Cabral, n. 340 (*Mundo Espírita*, 1955c).

Parte de um projeto de ensino federal implantado a partir de planejamento do governo estadual, o Centro de Iniciação Profissional Lar Icléa proporcionava uma formação “pré-profissional” que vinha ao encontro de anseios sobre a formação feminina para o trabalho que pontuavam discussões e objetivos da FEP. As atividades do Centro voltadas à mulher pobre seriam uma forma não só de proporcionar uma melhor inserção no mundo do trabalho, mas uma maneira de colaborar com suas atividades domésticas. Repetindo palavras de Pinsky (2014, p. 197), “[...] o velho argumento de que a educação feminina favorece o melhor desempenho das funções domésticas aparece aqui com um véu de modernidade”.

Durante o ano de 1956, outro curso foi oferecido pelo Centro, o de Bordado, que ficou sob a responsabilidade de Maria Amélia de Souza e Silva – mais uma opção para a formação em trabalhos “de agulha”. Nesse ano, os cursos oferecidos, o total de alunas e as professoras foram: Corte e Costura, com 23 alunas, professora Alexandrina Peretti; Artes Aplicadas e “Caseiras” (flores de pano, arranjos de mesa, etc.), com 18 alunas, professora Valtelina Scheler Vecchione; Tricô e Crochê, com 13 alunas, professora Aurora Laffite; Arte Culinária, com 13 alunas, professora Beatriz da Matta Chautard; Bordado, com 10 alunas, professora Maria Amélia de Souza e Silva; Manicure-Pedicure, com 10 alunas, professora Lilia Ferreira Carvalhães (*Mundo Espírita*, 1956c).

Dois anos depois, o Centro de Iniciação Profissional Lar Icléa continuava a atender a jovens e senhoras “carentes”, e a edição de dezembro de 1958 do *Mundo Espírita* noticiava na primeira página a cerimônia de formatura das alunas da instituição, com votos de congratulações às professoras:

MUNDO ESPÍRITA cumprimenta as distintas senhoras e senhoritas que constituem a direção e corpo docente do Centro de Iniciação Profissional do ‘LAR ICLÉA’, e formula votos para que continuem nesse trabalho redentor em prol da educação (*Mundo Espírita*, 1958, grifos do original).

Nesta cerimônia, foram entregues certificados de conclusão para “cerca de 100 alunas” (*Mundo Espírita*, 1958), um indício da permanência da procura pelos cursos ofertados pelo Centro¹¹, que continuava sob a direção de Maria de Lourdes Souto Pinto (Figura 2).

¹¹ Em 1958 não foi ofertado o curso de Manicure-Pedicure, provavelmente por falta de um número mínimo de matrículas. Sobre essa profissão em Curitiba, ver Ganz (1997).

Figura 2 – Conclusão de cursos no Centro de Iniciação Profissional Lar Icléa (1958)



Fonte: *Mundo Espírita* (1958).

A imagem da cerimônia de formatura publicada no jornal reproduz duas fotografias: a primeira retrata o ato principal, ou seja, a entrega do diploma, símbolo de um saber adquirido, possibilidade de novas atividades para as mulheres – mas a mesa diretiva da solenidade foi composta apenas por homens, que representavam a FEP e o governo estadual¹². A foto inferior flagra um grupo de formandas; uma delas, sentada, está com uma menina, provavelmente sua filha. A mulher teria optado por levar a criança a um evento “de mulheres” ou não teria com quem deixá-la? Talvez o mais importante e que também não

¹² Segundo o *Mundo Espírita* (1958), eram eles: Nivon Weigert, secretário de Educação e Cultura do Paraná; Antonio Barry, diretor da Campanha de Educação de Jovens e Adultos da Secretaria da Educação e Cultura; João Ghignone, presidente da FEP; e Abib Isfer, vice-presidente da FEP.

sabemos é o grau do impacto causado nessa menina pela cerimônia que celebrava a formação feminina para o trabalho.

Entretanto, os cursos ofertados pelo Centro instalado no Lar Infantil Icléa pareciam em descompasso com as demandas impulsionadas pelas transformações sociais dos anos 1950, reforçando atividades estreitamente ligadas à boa esposa, dona de casa e mãe.

Considerações finais

A partir de 1959, as notícias sobre o Centro de Iniciação Profissional Lar Icléa desapareceram e não foi possível saber se o Centro foi transferido para outro espaço ou desativado. Todavia, informações sobre a organização de outra instituição escolar na FEP pareciam indicar a criação de uma escola para mulheres na Federação.

Efetivamente, em 1960 foi inaugurada uma instituição escolar gratuita (com “assistência técnica” de professoras paga pelo governo paranaense) que, conforme a “memória construída” (Pollak, 1989) da Federação, teria recebido na sua criação a designação de escola profissional: a Escola Profissional Maria Ruth Junqueira, cujo nome homenageava a professora morta em 1956. Entretanto, os cursos dessa escola eram “[...] artesanato, tricô, costura, pintura e confeitaria” (Escola, 1990, p. 22-23; Pimentel, 2000, p. 2), repetindo, com pequenas alterações, os cursos do Centro de Iniciação Profissional Lar Icléa e também as aulas avulsas ministradas no Lar em meados da década de 1950.

É possível perguntar: em um período no qual a educação profissional era vinculada ao ensino médio, inserir a palavra “profissional” como definidora da instituição indicaria a pretensão de ampliar e diversificar os seus cursos? Ou essa foi uma estratégia (Certeau, 2011) para valorizar socialmente a escola feminina da FEP criada no ano 1960?¹³

Mas, considerando que, para os kardecistas, a mulher espírita era educada para ser um “[...] agente de moralidade e do equilíbrio mental da família e, por extensão, da sociedade” (Jurkevics, 1998, p. 21), a educação feminina para o trabalho ministrada na Federação, até pelo menos o final dos anos 1950, formou meninas, jovens e senhoras para que realizassem na sociedade atividades que reeditavam e reforçavam o

¹³ Não foram pesquisadas fontes do início dos anos 1960 que poderiam informar se a denominação “ensino profissional” data ou não da inauguração da instituição.

espaço apropriado à “mãe de família”, ou seja, o doméstico – mesmo que para algumas mulheres essas atividades representassem o começo de uma vida produtiva diversificada e fora do lar.

Referências

- ALMEIDA, J.S. 2011. Professoras virtuosas; mães educadas: retratos de mulheres nos tempos da república brasileira (séculos XIX/XX). *Revista Histedbr*, 11(42):143-156.
- ARAÚJO, S.A.C. 2017. *A mulher entre a casa e a rua: educação e trabalho feminino nos periódicos da Federação Espírita do Paraná (FEP), primeira metade do século XX*. Curitiba, PR. Tese de Doutorado. Universidade Federal do Paraná, 220 p.
- ARRIBAS, C.G. 2010. *Afinal, espiritismo é religião?* São Paulo, Alameda, 302 p.
- AUBRÉE, M.; LAPLANTINE, F. 2009. *A mesa, o livro e os espíritos*. Maceió, Edufal, 404 p.
- BERTUCCI, L.M. 2015. Para a saúde da criança. A educação do trabalhador nas teses médicas e nos jornais operários (São Paulo, início do século XX). *Mundos do Trabalho*, 7(13):27-42.
- BOSCHILIA, R.T. 1996. *Condições de vida e trabalho: a mulher no espaço fabril curitibano (1940-1960)*. Curitiba, PR. Dissertação de Mestrado. Universidade Federal do Paraná, 177 p.
- BRASIL. 1927. Decreto n. 17.943-A, de 12 de outubro de 1927. Consolida as leis de assistência e proteção a menores - Código de Menores. *Diário Oficial*, Poder Executivo, Rio de Janeiro, DF, 31 dez.
- BRASIL. 1941. Decreto-Lei n. 3.799, de 5 de novembro de 1941. Transforma o Instituto Sete de Setembro em Serviço de Assistência a Menores e dá outras providências. *Diário Oficial*, Poder Executivo, Rio de Janeiro, DF, 11 nov.
- BRASIL. 1943a. Decreto-Lei n. 4.043, de 30 de janeiro de 1942. Lei Orgânica do Ensino Industrial. *Diário Oficial*, Poder Executivo, Rio de Janeiro, DF, 9 jan.
- BRASIL. 1943b. Decreto-Lei n. 6.141, de 28 de dezembro de 1943. Lei Orgânica do Ensino Comercial. *Diário Oficial*, Poder Executivo, Rio de Janeiro, DF, 31 dez.
- BRASIL. 1946. Decreto-Lei n. 8.529, de 2 de janeiro de 1946. Lei Orgânica do Ensino Primário. *Diário Oficial*, Poder Executivo, Rio de Janeiro, DF, 4 jan.
- CERTEAU, M. 2011. *A invenção do cotidiano: as artes de fazer*. 17ª ed. Petrópolis, Vozes, 352 p.
- CINTRA, E.P.U. 2005. *Ensino profissional feminino em Curitiba: a Escola Técnica de Comércio São José (1942-1955)*. Curitiba, PR. Dissertação de Mestrado. Universidade Federal do Paraná, 281 p.

- CONCEIÇÃO, S.Y.Z. 2012. *Educando mulheres, vendendo saúde: propagandas e outros textos de jornais curitibanos dos anos 1920*. Curitiba, PR. Dissertação de Mestrado. Universidade Federal do Paraná, 162 p.
- COSTA, D.M.V. 2016. *A Campanha de Educação de Adolescentes e Adultos no Brasil e no estado do Espírito Santo: um projeto civilizador*. São Carlos, Pedro & João Editores, 270 p.
- CUNHA, L.A. 2005. *O ensino profissional na irradiação do industrialismo*. 2ª ed. São Paulo, Unesp; Brasília, Flacso, 270 p.
- DAMAZIO, S.F. 1994. *Da elite ao povo: advento e expansão do espiritismo no Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro, Bertrand do Brasil, 164 p.
- DIÁRIO DA TARDE. 1951. Sonhos dourados. *Diário da Tarde*, 30 jan., p. 1.
- DIÁRIO DA TARDE. 1952. Idealismo puro. *Diário da Tarde*, 22 abr., p. 2.
- ESCOLA Profissional Maria Ruth Junqueira - 50 anos. 2002. Curitiba, FEP.
- GANZ, A.M. 1997. Vivências e falas: trabalho feminino em Curitiba, 1925-1945. In: E.M.C. TRINDADE; A.P.V. MARTINS (org.), *Mulheres na História: Paraná – séculos 19 e 20*. Curitiba, UFPR, p. 95-112.
- HOBSBAWM, E. 1995. *Era dos extremos*. São Paulo, Companhia da Letras, 600 p.
- IBGE. 2010. *Sinopse do Censo Demográfico de 2010*. Rio de Janeiro, IBGE.
- ISAIA, A.C. 2004. Espiritismo, conservadorismo e utopia. In: E.A. PINTO; I.A. ALMEIDA (org.), *Religiões: tolerância e igualdade no espaço da diversidade*. São Paulo, Fala Preta, p. 101-116.
- JURKEVICS, V.I. 1998. *Crenças e vivências espíritas na cidade de Franca (1904-1980)*. Franca, SP. Dissertação de Mestrado. Universidade Estadual Paulista, 137 p.
- KARDEC, A. 2002 [1857]. *O livro dos espíritos*. 83ª ed. Rio de Janeiro, FEB, 510 p.
- KUHLMANN JR., M. 2004. *Infância e educação infantil: uma abordagem histórica*. 3ª ed. Porto Alegre, Mediação 192 p.
- LAGRAVE, R.M. 1993. Uma emancipação sob tutela. Educação e trabalho das mulheres no século XX. In: G. DUBY; M. PERROT (dir.), *História das mulheres no Ocidente*. v. 5. Porto, Afrontamento, p. 505-543.
- LEWGOY, B. 2006. Representações de ciência e religião no espiritismo kardecista: antigas e novas configurações. *Civitas*, 6(2):151-167.
- MAYEUR, F. 1993. A educação das raparigas: o modelo laico. In: G. DUBY; PERROT, M. (dir.), *História das mulheres no Ocidente*. v. 4. Porto, Afrontamento, p. 277-295.
- MEMÓRIA da Federação Espírita do Paraná no seu centenário (1902-2002). 2002. Curitiba, FEP.

- MUNDO ESPÍRITA. 1949. Lar Infantil Lar Icléa. *Mundo Espírita*, 23 abr., p. 1.
- MUNDO ESPÍRITA. 1955a. Lar Infantil Lar Icléa. *Mundo Espírita*, 30 abr., p. 2.
- MUNDO ESPÍRITA. 1955b. Lar Infantil Lar Icléa. *Mundo Espírita*, 30 maio, p. 3.
- MUNDO ESPÍRITA. 1955c. Centro de Iniciação Profissional Lar Icléa. *Mundo Espírita*, 3 dez., p. 2.
- MUNDO ESPÍRITA. 1958. Conclusão de cursos no Centro de Iniciação Profissional Lar Icléa. *Mundo Espírita*, 31 dez., p. 1.
- O DIA. 1947. Instruções ao eleitorado. *O Dia*, 15 jan., p. 1.
- O DIA. 1954. Lar Infantil “Icléa”. *O Dia*, 1º jul., p. 5.
- O DIA. 1955. Comemorações alusivas ao 6º aniversário de fundação do Lar Infantil Icléa. *O Dia*, 26 abr., p. 4.
- O DIA. 1956a. Centro de Iniciação Profissional “Lar Icléa”. *O Dia*, 4 out., p. 3; 7.
- O DIA. 1956b. Maria Ruth Junqueira. *O Dia*, 17 nov., p. 3.
- OLIVEIRA, D. 2000. *Curitiba e o mito da cidade modelo*. Curitiba, UFPR, 201 p.
- PAIVA, V. 2003. *História da educação popular no Brasil*. 6ª ed. São Paulo, Loyola, 526 p.
- PARANÁ. 1932. Decreto n. 1.439, assinado pelo Interventor do Estado, em 18 de junho de 1932. *Diário Oficial*, Curitiba, 22 jun.
- PARANÁ. 1957. Mensagem apresentada pelo governador do Paraná Sr. Moyses Lupion a Assembleia Legislativa do Estado. Em 1957. *Coleção de Leis, Decretos e Regulamentos do Paraná*. Curitiba, [s.n.], p. 1-251.
- PERROT, M. 2005a. O elogio da dona-de-casa no discurso dos operários franceses do século 19. In: M. PERROT. *As mulheres ou os silêncios da História*. Bauru, Edusc, p. 171-195.
- PERROT, M. 2005b. O que é um trabalho de mulher? In: M. PERROT. *As mulheres ou os silêncios da História*. Bauru, Edusc, p. 251-258.
- PERROT, M. 2007. *Minha história das mulheres*. São Paulo, Contexto, 190 p.
- PIMENTEL, L.D. 2000. *Histórico da Escola Profissional Maria Ruth Junqueira*. Texto datilografado.
- PINSKY, C.B. 2014. *Mulheres dos anos dourados*. São Paulo, Contexto, 396 p.
- POLLAK, M. 1989. Memória, esquecimento, silêncio. *Estudos Históricos*, 2(3):3-15.
- RAGO, M. 2001. Trabalho feminino e sexualidade. In: M. PRIORE (org.), *História das mulheres no Brasil*. 5ª ed. São Paulo, Contexto, p. 578-605.

- REVUE SPIRITE. 2012 [1864]. *Revista Espírita, 1858-1869*. Coleção traduzida. Rio de Janeiro, FEB.
- SILVA, S.C.H.P. 2010. *De órfãos da gripe a trabalhadores. O Asilo São Luiz de Curitiba, 1918-1937*. Curitiba, PR. Dissertação de Mestrado. Universidade Federal do Paraná, 130 p.
- SOUZA, R.F. 2008. *História da organização do trabalho escolar e do currículo no século XX (Ensino Primário e Secundário no Brasil)*. São Paulo, Cortez, 320 p.
- STOLL, S.J. 2004. *Espiritismo à brasileira*. São Paulo, Edusp. 293 p.
- TRINDADE, E.M.C. 1996. *Clotildes ou Marias: mulheres de Curitiba na primeira República*. Curitiba, Fundação Cultural, 344 p.
- WEINSTEIN, B. 2000. *(Re)formação da classe trabalhadora no Brasil (1920-1964)*. São Paulo, Cortez, 460 p.

Submetido: 10/07/2018

Aceito: 02/11/2018